



## Trajatórias de vida de meninas em situação de rua: o relato de uma investigação participativa

Juliana Prates Santana<sup>1</sup>

### Resumo:

O presente artigo objetiva descrever a produção de um documentário sobre as trajetórias de vida de meninas em situação de rua inseridas em uma instituição de acolhimento na cidade de Salvador, no Brasil. Tal documentário foi idealizado e desenvolvido pelas próprias crianças no âmbito de uma investigação participativa desenvolvida com crianças em situação de rua e que tinha por objetivos investigar as trajetórias de vida dessas crianças, suas expressões culturais e o cotidiano institucional vivenciado por elas. Esta investigação se ancora nos princípios teórico-metodológicos propostos pela Sociologia da Infância. As metodologias participativas atendem aos propósitos da investigação científica e servem como paradigma de atuação com crianças em situação de rua, na medida em que a intervenção é potencializada quando elas são consideradas como atores sociais e participantes competentes. A participação das crianças parece ser o meio mais eficaz de defender os seus direitos.

**Palavras-chave:** meninas em situação de rua; metodologias participativas; trajetórias de vida

### Las trayectorias de la vida de niñas en situación de calle: una investigación participativa

#### Resumen:

Este trabajo tiene como objetivo describir la producción de un documental sobre las trayectorias de la vida de niñas en situación de calle atendidas por una institución de acogimiento en la ciudad de Salvador, en Brasil. El documental fue idealizado y desarrollado por las niñas en el ámbito de una investigación participativa desarrollada con niños y niñas en situación de calle y que tenía por objetivos investigar las trayectorias de vida de estos niños y niñas, sus expresiones culturales y el cotidiano institucional vivenciado por ellas. Esta investigación apoya en los principios teórico-metodológicos propuestos por la Sociología de la Infancia. Las metodologías participativas atienden a los propósitos de la investigación científica y sirven como paradigma de actuación con niños y niñas en situación de calle, ya que la intervención es fortalecida cuando ellos son considerados como actores sociales y participantes competentes. La participación de los niños y niñas parece ser el medio más eficaz de defender sus derechos.

**Palabras clave:** niñas en situación de calle, metodologías participativas; trayectorias de la vida

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Criança – Sociologia da Infância pela Universidade do Minho. Professora e investigadora no Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. E-mail: [julianapsantana@gmail.com](mailto:julianapsantana@gmail.com)



## Introdução

A utilização das ruas como local de moradia e fonte primordial de subsistência para crianças tem sido tema de interesse e preocupação para o meio científico e social em todo o mundo, sendo inúmeros os estudos que têm como foco a realidade vivenciada por essas crianças. Em geral são estudos que descrevem desde os motivos que levaram as crianças para as ruas, até as atividades desenvolvidas pelas crianças, os perigos e a situação de precariedade vivenciada pelas crianças. De acordo com Hetch (1998), há uma grande similaridade nos trabalhos produzidos o que leva os leitores a terem uma sensação de *déjà vu*, que ele ilustra a partir da semelhança de quatro parágrafos introdutórios de diferentes artigos sobre o tema. Propor mais um trabalho sobre esta temática poderia parecer redundante se não fossem dois fatores diferenciadores do presente estudo: o gênero das participantes do estudo e a utilização das metodologias participativas. De fato, as meninas têm sido constantemente ignoradas nos estudos sobre as crianças em situação de rua, seja por serem em menor número, seja por serem confundidas ou estudadas apenas como crianças prostituídas. Somado a isso, a utilização de metodologias participativas possibilitou a obtenção de dados, que se diferenciam em função da implicação das meninas no processo de produzi-los. Ou seja, os dados aqui apresentados fogem das respostas socialmente aceitas e que muitas vezes são superficiais. Como poderá ser observado ao longo do texto, o fato de terem sido as próprias meninas a idealizarem o documentário, o roteiro da entrevista utilizado, além de conduzirem as entrevistas, possibilitou uma maior riqueza dos dados. Além disso, o presente artigo pretende demonstrar como as metodologias participativas podem ser utilizadas não apenas no âmbito da pesquisa, mas em projetos educativos de intervenção junto a este público.

Em relação aos estudos sobre as meninas em situação de rua, cabe pontuar as diferenças numéricas em relação ao gênero observadas em todas as partes do mundo, as principais causas destas diferenças, assim como a diversidade de experiência decorrentes da diferença de gênero. A principal explicação para a existência de um menor número de meninas em situação de rua centra-se no papel social que as meninas desempenham na vida doméstica, sendo responsáveis pelos cuidados com os irmãos mais novos, pela limpeza da casa e muitas servindo como objetos sexuais para pais ou padrastos (MACIEL, BRITO, &

CAMINO, 1997; RIZZINI, 1995). Além disso, há uma expectativa social mais alargada que concebe que as meninas devam estar circunscritas a ambientes mais íntimos, fechados e protegidos, como se espera que seja o ambiente familiar dentro de casa, em detrimento ao ambiente da rua (HECHT, 1998). Mesmo quando meninos e meninas desempenham atividades de trabalho, essas possuem uma natureza diferenciada, sendo que as meninas se tornam menos visíveis, uma vez que costumam trabalhar como empregadas em casas de família, atendentes de bar, entre outros, enquanto os meninos desempenham atividades mais visíveis como, por exemplo, lavar carros e engraxar sapatos (LALOR, 1999). A saída dos meninos para a rua não é vista pelas famílias como algo tão perigoso como no caso das meninas e isso permite que os meninos experienciem com maior frequência a situação de rua, sendo que esse ambiente se torna uma possibilidade de fuga à situação de miserabilidade e maus tratos a que são, muitas vezes, submetidos.

A literatura apresenta, ainda, diferenças de adaptabilidade e de experiências vividas por esses dois grupos. Aptekar (1996) aponta que as meninas são mais vulneráveis à situação de rua, apresentando maiores níveis de estresse e desajustamento psicológico. O autor argumenta que esses dados podem ser justificados pelo maior nível de desintegração familiar que é verificado entre as meninas quando essas migram para a rua. Hecth (1998) afirma, por sua vez, que a rua é muito mais dura e difícil para as meninas, pois essas enfrentam uma série de estigmas sociais, além de uma maior vulnerabilidade física.

As meninas que estão na rua tentam, muitas vezes, disfarçar o gênero, utilizando roupas folgadas e masculinas, bonés e se movimentando e agindo de forma bastante masculinizada. Do outro lado, temos meninas que exploram bastante a própria sexualidade, utilizando roupas bastante sensuais e reveladoras do próprio corpo. As primeiras parecem usar como defesa a camuflagem e um mimetismo com os meninos, apresentando, ao mesmo tempo, um alto grau de agressividade que as torna respeitadas perante o grupo. As segundas utilizam a sedução como forma de obter a proteção que precisam dos membros mais fortes e poderosos do grupo. As duas estratégias não aparecem de forma estanque, havendo muitas vezes alternância ou sobreposição das mesmas.

Para Lucchini (1995), torna-se fundamental considerar o acesso diferencial da menina à situação de rua e da invisibilidade parcial a que estão submetidas, ressaltando a escassez de dados que retratem a vida dessas meninas, sua interação com os pares e seu acesso aos

grupos de rua. Essas meninas são, segundo o autor, erroneamente vistas como prostitutas e por isso são ainda mais estigmatizadas que os meninos.

### ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Estudar as crianças em situação de rua a partir da perspectiva teórica da Sociologia da Infância implica em considerar a infância uma construção social, cujas representações norteiam e constroem a diversidade de vida das crianças. Estas são consideradas, por sua vez, como atores sociais competentes, ativos na construção e determinação dos seus modos de vida sociais, sendo que estes devem ser compreendidos a partir dos seus próprios significados (JAMES & PROUT, 1990). Além disso, as crianças são compreendidas como produtoras culturais, e não apenas reprodutoras dos modos de significações dos adultos (SARMENTO, 2003a, 2003b). Neste sentido, as propostas metodológicas de investigação da infância e das crianças devem priorizar as etnografias e metodologias participativas, que escapam ao modelo mais tradicional de pesquisa sobre as crianças.

Ao fazer um mapeamento das fontes que influenciaram o desenvolvimento das metodologias participativas utilizadas com crianças, Fernandes (2009) afirma que essas se inspiram em um conjunto diverso de tradições que se enquadram nas chamadas *Participatory Rural Appraisal* (PRA), que atualmente são mais conhecidas como *Participatory Learning and Action* (PLA). Tais abordagens foram inicialmente utilizadas com adultos, com baixa literacia e na área da educação, tendo, posteriormente, sido ampliadas para outros campos de aplicação e investigação, assim como utilizadas com diversos grupos minoritários.

De acordo com Tomás (2006), “do ponto de vista metodológico, a investigação participativa procura métodos e técnicas que permitem *conhecer transformando* (grifos da autora). (p. 47)”. Nesse sentido, tais metodologias são uma “crítica aos modelos positivistas e funcionalistas e a uma visão de ciência que se quer neutra, apolítica e não comprometida”.

A busca por metodologias de investigação participativa nas pesquisas com crianças é pautada no reconhecimento e na defesa dos direitos de participação das crianças, tais como preconizados pela Convenção dos Direitos das Crianças (CDC, 1989)<sup>2</sup>. Muitos são os autores que têm defendido que a criança deve ser considerada um participante ativo do processo de investigação (ALDERSON, 2000; BOYDEN & ENNEW, 1997; FERNANDES, 2009 ; JAMES, JENKS & PROUT, 1998; THOMAS and O’KANE, 1998; LANDSDOWN, 2001; TOMÁS, 2006), pois isso

---

<sup>2</sup> A Convenção dos Direitos das Crianças foi ratificada pelo Governo Brasileiro em 24 de Setembro de 1990.

enriquece os dados que podem ser obtidos na investigação, mas também promove uma mudança de concepção de infância e criança.

As metodologias participativas com crianças exigem do pesquisador uma postura flexível e criativa que possibilite a inserção das crianças nas diferentes etapas do processo de investigação. De acordo com Boyden & Ennew (1997), nenhuma técnica de investigação é naturalmente participativa, sendo que a forma como esta é aplicada que determina o seu caráter mais ou menos participativo. Isso não exclui, contudo, a necessidade de se procurar técnicas que sejam menos dependentes da linguagem e que explorem as competências das crianças, como as visuais e as dramáticas. Foi justamente na busca de técnicas que se afastassem da linguagem que foram utilizadas na presente investigação as fotografias e a produção de filmes, que incluíram música, danças e a construção do documentário. Foram realizadas, ainda, observações de cunho etnográfico, entrevistas individuais e um grupo focal de discussão. Neste sentido, percebe-se que as metodologias participativas funcionam muito mais como um paradigma de atuação do pesquisador do que como uma receita prescritiva de estratégias. A principal premissa é o papel ativo da criança no processo de construção dos dados, sendo que a postura do pesquisador em relação às crianças é diferenciada desde o momento da solicitação de anuência até o momento da devolução dos dados.

## **Método**

### CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO

A presente investigação foi realizada em uma instituição de atendimento destinada a crianças em situação de rua, na cidade de Salvador, no nordeste do Brasil. A cidade de Salvador é a capital do Estado da Bahia e possui uma população estimada de 2.675.656 habitantes, sendo a segunda capital do país com o pior PIB per capita (IBGE, 2010). Localiza-se em uma das regiões mais pobres do Brasil, possuindo uma taxa de desemprego elevada, assim como outros indicadores de grande desigualdade econômica e social. É nesse contexto de desigualdades que se localiza a instituição que serviu de cenário para a pesquisa. Esta é formada por três espaços de atendimento, sendo um deles destinado ao atendimento diurno para crianças de ambos os sexos com idades entre oito e catorze anos. Os outros dois espaços fazem o acolhimento noturno, havendo uma separação entre os meninos e meninas. Trata-se de uma instituição de caráter municipal que recebe crianças a partir do

encaminhamento dos Conselhos Tutelares e/ou do Ministério Público, possuindo, portanto, um caráter fechado. Apesar de ter sido criada com o intuito de atender exclusivamente a crianças com inserção na rua, a abrangência da instituição foi ampliada recebendo as crianças em situação de risco e vulnerabilidade social que necessitam de abrigo temporário na cidade de Salvador.

## PARTICIPANTES

Ao longo da execução do trabalho de campo, foi possível contatar com 55 crianças, com idades entre 8 e 16 anos, sendo 40 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. O nível de participação das crianças no projeto de investigação foi bastante variado, pois algumas estiveram na instituição por apenas um dia e outras estiveram praticamente em todo o período de coleta de dados. Além disso, os participantes crianças possuem perfis muito variados no que se refere à experiência de rua, pois apesar de se destinar especificamente à população de rua, a instituição acaba por responder a outras demandas de atendimento, pois se trata da única instituição municipal que presta atendimento temporário a crianças. De qualquer forma, todas as participantes já estiveram em situação de rua, sendo que essa experiência ocorreu previamente ou durante a inserção institucional.

Em relação à produção do documentário, estiveram envolvidas sete meninas, sendo que, para a análise das suas trajetórias de vida, também incluiremos os dados obtidos nas fichas institucionais, que apresentam informações sobre seis crianças. Isso significa que nos basearemos nos dados de treze meninas para a análise proposta no presente artigo.

## PERCURSO INVESTIGATIVO

De forma esquemática e didática pode-se afirmar que o método adotado na investigação se dividiu em três momentos distintos, sendo o primeiro caracterizado pelas observações de orientação etnográfica. O segundo momento foi marcado pela utilização da metodologia participativa, em que foram utilizados diferentes técnicas e recursos através dos quais as crianças puderam retratar o seu cotidiano, suas culturas e valores. No terceiro momento foram realizadas entrevistas individuais com as crianças e a análise dos relatórios produzidos pelos técnicos da instituição sobre cada criança. É importante ressaltar que esses momentos estão divididos apenas a nível descritivo uma vez, em que termos temporais houve uma sobreposição dos mesmos.

O documentário descrito no presente artigo se insere neste segundo momento da investigação, sendo o terceiro filme produzido pelas crianças. O processo de filmagem foi o início das atividades de cunho participativo, tendo sido colocada à disposição das crianças a filmadora, com o requisito de que elas teriam que fazer um roteiro do que deveria ser filmado. Foi notório observar que, ao logo do tempo, as produções das crianças foram se tornando mais elaboradas e contando com a participação de mais crianças.

Em relação ao documentário, cabe destacar que se trata de uma produção bastante diferenciada das filmagens anteriores, pois é o primeiro filme a ser realizado no acolhimento noturno feminino, contando por isso com a participação exclusiva das meninas. De acordo com Eliana<sup>3</sup>, idealizadora do documentário, estava na hora de “fazer uma coisa séria, diferente daquelas bobagens dos meninos”. Essa “coisa séria” significava produzir um documentário acerca das trajetórias de vida das meninas e das suas inserções na instituição de acolhimento.

## RESULTADOS

O documentário produzido pelas meninas nos permite realizar dois eixos de análise, sendo que o primeiro é a forma como o filme foi idealizado e produzido pelas crianças, incluindo aqui o roteiro de gravação, o processo de filmagem, a construção do roteiro de entrevista e sua aplicação, e os momentos de exibição do filme. O segundo eixo de análise se refere ao conteúdo das entrevistas que foram realizadas no âmbito do documentário e se centram nas trajetórias de vidas das meninas, sendo enfocados três contextos de desenvolvimento, nomeadamente, a rua, a família e a instituição de atendimento.

### O roteiro

Conforme referido anteriormente, a realização das filmagens era condicionada à criação de um roteiro prévio, em que as crianças definiam o objetivo e as etapas para a realização das mesmas. Para a produção do documentário foram seguidos os mesmos procedimentos, sendo que desde o início Eliana (14 anos) demonstrava clareza sobre os seus propósitos em relação ao mesmo. Para ela, o documentário deveria se assemelhar ao

---

<sup>3</sup> Os nomes dos participantes foram alterados, assim como foram suprimidos os nomes das instituições com o intuito de garantir o anonimato e a confidencialidade dos dados. As crianças, no âmbito das atividades, escolheram os pseudônimos pelos quais gostariam de ser tratadas na escrita da tese e/ou artigos.

máximo aos documentários televisivos e deveria mostrar o contexto institucional e depois entrevistas com as meninas inseridas na instituição. Apesar das tentativas de que as outras meninas participassem ativamente do processo de elaboração do roteiro, percebeu-se que Eliana utilizou o seu papel de líder para que todas aceitassem as suas idéias. O documentário ficou estruturado em três partes, que foram denominadas pelas crianças de "Apresentando o espaço...", "Com a palavra os educadores..." e "Com a palavra as meninas...". Para cada um destes momentos, as meninas iam conduzindo a forma como a filmagem e a edição deveriam ser feitas.

O roteiro utilizado para a entrevista com as crianças também foi elaborado pelas crianças e é composto por vinte e oito questões que abordam diferentes aspectos da vida das meninas, incluindo a relação com a família, as experiências da rua e a inserção na instituição. De fato, as trajetórias de vida das crianças em situação de rua não podem ser de forma alguma dissociadas da análise e compreensão desses três distintos espaços de socialização que ora competem, ora convergem em suas regras e dinâmicas de funcionamento (SANTANA & DONINELLI, 2010). É o jogo de tensões e negociações entre esses contextos que acaba por caracterizar as trajetórias de vida dessas crianças.

Apesar de abordar os três contextos (família, rua e instituição), o roteiro da entrevista se concentra mais nas experiências vivenciadas pelas crianças na rua. Nesse sentido, pergunta-se sobre a família, os sentimentos nutridos em relação a ela e os motivos que levaram a criança a sair de casa. A entrevista passa a abordar, então, a vida na rua, com as experiências sexuais e afetivas, os constrangimentos e os comportamentos das crianças considerados desviantes, como o uso de drogas, o furto e roubo, entre outros. Após essas questões, o foco da entrevista dirige-se à instituição e às relações que as crianças estabelecem nesse contexto. São feitas, ainda, três questões que remetem a um projeto de futuro e, para finalizar, as crianças são convidadas pela entrevistadora a deixar uma mensagem carinhosa para alguém.

O interessante de o roteiro ter sido feito pelas próprias crianças é o fato de ter se tornado ele próprio um objeto de análise, na medida em que permite identificar as questões consideradas relevantes para elas e quais os temas que elas desejam compartilhar com o público, já que, inegavelmente, a perspectiva das meninas, e principalmente da idealizadora do documentário, é tornar público as realidades das suas vidas, daí não fazer um filme e sim um documentário. Cabe destacar, no entanto, que algumas das questões formuladas pelas



crianças são semelhantes às existentes no protocolo de escuta da instituição, sendo que a principal diferença observada foi na qualidade das respostas fornecidas pelas crianças. Se nos arquivos institucionais várias respostas estavam em branco, na realização do documentário todas as meninas responderam a todas as perguntas formuladas.

### A filmagem

O primeiro aspecto a ser referido em relação à filmagem foi o cuidado que as crianças tiveram em selecionar a forma como gostariam de ser representadas no filme. Desde o dia em que foi apresentada a proposta por Eliana (14 anos) foram tecidos comentários a esse respeito, como, por exemplo, a necessidade de que todas estivessem com o banho tomado, com os pijamas limpos e com os cabelos penteados. Essa preocupação não parecia refletir uma vaidade individual, mas a preocupação em construir uma imagem coletiva das meninas. Isso porque elas poderiam, por exemplo, optar por usarem nas gravações suas próprias roupas, mas ao invés disso, enfatizavam o pijama, pois *“todas iguais ficaria muito bonitinho”*, nas palavras de Eliana. Vemos aqui novamente uma preocupação com o telespectador, na medida em que as crianças pretendem contar as suas trajetórias de vida enquanto um grupo que compartilha situações similares. Ou seja, mais importante do que as singularidades de cada criança eram as comunalidades desse grupo que compartilhava a experiência de estar inserido em uma instituição municipal para o atendimento de crianças de rua. No dia da filmagem, Eliana nos fala sobre esse cuidado em estarem todas *bonitinhas* para aparecerem nas filmagens:

*“A gente trocou de pijama, trocou de toalha, de lençol, de fronha. A gente trocou tudo. Tá tudo bonitinho hoje.”*

Esse cuidado com a aparência diferiu da preocupação demonstrada no filme anterior com a caracterização dos personagens, pois no filme havia a colocação da maquiagem, a construção do personagem. No documentário, por outro lado, havia um cuidado em aparecer de “cara limpa”, ou seja, o objetivo das crianças era contar as suas trajetórias e experiências de vida. Não se tratava mais de ficção, mas sim da realidade das suas vidas. Além disso, a forma como estruturaram o ambiente e a aparência demonstram uma preocupação em produzir um documentário similar aos que, na opinião das meninas, circulam de fato na mídia, demonstrando que as produções culturais das crianças se dão no interjogo entre o mundo infantil e o mundo dos adultos (SARMENTO, 2003a, 2003b).

A primeira etapa do documentário, "Apresentando o Espaço", teve o propósito de apresentar ao suposto telespectador as instalações da instituição, incluindo comentários das crianças sobre o funcionamento e regras institucionais. Já nesta etapa, as crianças orientam o processo de filmagem, conforme ilustrado nas seguintes falas:

*“Chega aqui, tia, faz o favor, olha o jardim.”*

*“Olha o jardim da nossa casa. Não é lindo?”*

*“Aqui é a cozinha. Aqui é que fica o rango, onde a gente enche a barriga quando tá na larica”.*

*“Aqui é o banheiro da administração. Não mostra que tá cheio de pijama sujo.”*

A segunda parte do documentário foi denominada de "Com a palavra os educadores", sendo que o propósito era entrevistar todos os educadores que estivessem na casa no momento da filmagem. No entanto, apenas um deles aceitou participar da atividade. As perguntas das meninas foram diretas, deixando algumas vezes o funcionário em uma posição desconfortável, como, por exemplo, a pergunta feita por Eliana (14 anos) acerca dos sentimentos do funcionário em relação às crianças da instituição:

*“Você gosta da gente por pena? Você gosta da gente porque alguém tem que gostar da gente ou você gosta da gente porque você aceita o jeito da gente ser?”*

Cabe salientar que essa questão demonstra o conhecimento das crianças acerca da forma como são socialmente percebidas e quais são alguns dos sentimentos que causam nos outros, como, por exemplo, o sentimento de pena. Em outros momentos, as crianças deixam claro perceber o conjunto de representações sociais que se constroem sobre elas e relatam estratégias de sobrevivência que passam justamente por utilizar desse tipo de representações (fazer cara de fome para conseguir dinheiro, chorar para convencer os Conselheiros Tutelares de que precisam e merecem uma segunda chance). No entanto, as crianças sabem que nem sempre possuem uma imagem favorável e relatam as agressões verbais que recebem nas ruas, seja de transeuntes, seja dos próprios policiais. Ao fazer essa pergunta, Eliana (14 anos) demonstra conhecer esse conjunto de representações e sentimentos que as crianças em situação de rua evocam e solicita do funcionário (que para ela representa todos os funcionários) um posicionamento, deixando claro que espera que ele os aceite do jeito como eles são. Observa-se, ainda, que o fato da entrevista estar sendo

filmada fez com que as meninas tivessem coragem de colocar questões que as incomodavam, mas que não haviam sido anteriormente formuladas.

A terceira etapa do documentário, denominada "Com a palavra as meninas", consistiu na aplicação da entrevista com as sete meninas que estavam na instituição no momento da filmagem. Conforme referido, o roteiro foi idealizado por Eliana (14 anos) e construído pelas crianças, sendo que em cinco entrevistas Eliana assumiu o papel de entrevistadora. A sua própria entrevista e a de Dora (13 anos) foram conduzidas pela pesquisadora, sendo que é notória a diferença na condução do processo, já que a criança se mostra muito mais confortável em formular as perguntas tais como elaboradas, não demonstrando constrangimento ao fazer perguntas consideradas mais invasivas.

A relação entre as meninas favorecia a veracidade das respostas, já que uma conhecia a história da outra e nos momentos em que algo ia ser omitido ou contado de forma diferente, a entrevistada era "chamada atenção". Sabe-se que as crianças em situação de rua possuem uma série de respostas prontas para fornecer aos pesquisadores, em função da sua experiência com técnicos, agentes policiais, jornalistas. Essas respostas socialmente aceitas e consideradas esperadas eram proibidas no contexto em que as entrevistas se realizaram, pois a conversa era entre iguais. Havia claramente entre entrevistadora e entrevistadas uma relação de cumplicidade, não decorrente apenas do fato de já se conhecerem, mas principalmente do fato de serem *parceiras* nos dramas que estavam sendo relatados.

De forma geral, as crianças responderam às questões na maneira habitual em que se comunicam, apesar de demonstrarem uma preocupação em olhar para a câmera, falar num tom de voz um pouco mais elevado, enfim, com preocupações que eram decorrentes do fato de ser uma situação estruturada. Responder às questões das entrevistas não parecia causar nenhum desconforto, apesar dos temas abordados serem particularmente difíceis. De fato, parecia haver nessa forma "natural" de contar as suas trajetórias certo distanciamento emocional. As crianças falavam de experiências negativas no mesmo tom de voz que falavam de aspectos positivos das suas histórias. Inclusive, algumas crianças falam de maneira jocosa, ironizando algumas das respostas. No entanto, houve uma menina, Rebeca, cuja entrevista foi marcada pela expressão das mais diversas emoções. Ao contar sua história, ela se emociona, chora, se irrita, se revolta, se mostra carente de afeto e cuidado. Essas duas

posturas, apesar de divergentes, mostram as singularidades destas meninas e as formam como significam suas próprias experiências de vida.

### Edição e exibição do documentário

Uma importante diferença no processo de edição e exibição do documentário em relação aos outros filmes produzidos pelas crianças refere-se ao fato das entrevistas terem sido excluídas do produto final entregue para as meninas. Na verdade, da segunda parte do documentário permaneceram apenas as apresentações das crianças entrevistadas (nome e idade) e as mensagens que estas deixaram ao final da entrevista para os educadores e outras crianças da instituição.

As crianças não aceitaram com passividade essa edição e argumentaram que se elas falaram e se responderam às questões foi porque queriam que as pessoas soubessem, logo o filme não poderia ser editado. Essa edição foi anunciada no momento em que o roteiro da entrevista foi entregue pelas crianças e percebemos o teor das questões e das possíveis respostas. No entanto, Eliana (14 anos) tentou nos demover da idéia, demonstrando que as crianças eram livres pra responder ou não às questões, como ela explicita no início da entrevista com Daniela (13 anos).

*“Queria saber se tem alguma coisa assim da sua vida que você possa contar. Se tiver alguma pergunta assim que você não gostar, você diz que prefere... você não responde.”*

Apesar desse esforço das crianças, optamos por manter a edição do documentário, admitindo que tal edição acabou por esvaziar de sentido a versão final, na medida em que as meninas já não puderam mais divulgar as suas histórias como gostariam. Este foi um dos momentos de grande tensão na realização da pesquisa, pois colocou em confronto o direito de participação das crianças e ao mesmo tempo o direito de proteção. Afinal, a decisão de não fornecer às crianças uma cópia do documentário na sua forma integral se justifica pela necessidade de não expor excessivamente as crianças em contextos onde não haveria mais o controle ou mediação adulta, já que a cópia ficaria com as próprias crianças. Não havia, além disso, uma autorização legal por parte da instituição que permitisse a veiculação das imagens das crianças fora do contexto da pesquisa. Nesse sentido, o protocolo com a instituição foi soberano frente ao desejo das crianças em tornarem públicas as suas histórias. Esta resposta seria suficiente se não fossem as premissas deste trabalho de que as crianças

seriam convidadas a utilizarem recursos não verbais como forma de expressar e descrever as suas experiências de vida. Ou seja, será que a edição do documentário não se assemelha a um processo de silenciamento das crianças justamente após o pedido para que falem? O fato dessas crianças terem suas vidas constantemente expostas não daria um certo ar de hipocrisia a esta decisão? Afinal tudo pode ser dito sobre elas, mas não por elas. Essas questões não foram respondidas no decurso da investigação, não sendo possível fornecer nada além da explicitação das tensões que parecem inerentes a esta proposta metodológica.

A exibição do documentário foi realizada em dois momentos. Inicialmente, foi feita a apresentação na casa de acolhimento feminino, sendo permitido que as meninas que estivessem presentes assistissem suas entrevistas se assim desejassem. No entanto, mesmo aquelas que solicitaram não assistiram até o final, demonstrando pouco interesse. Esta postura foi bastante divergente do entusiasmo observado nas exibições das outras filmagens, em que as crianças solicitavam que fossem repetidas inúmeras vezes as cenas. Por um lado, esse desinteresse pode ser justificado por uma dificuldade das meninas em manterem um distanciamento das suas próprias histórias de vida, ao se assistirem. Ou por outro lado, pode expressar apenas que o interesse delas não era ver e rever seus relatos, mas divulgá-los para o suposto telespectador, o que acabou por não existir em função do processo de edição. O outro momento de exibição foi no espaço diurno de atendimento, sendo que foi possível observar o entusiasmo das meninas em mostrarem o documentário que haviam feito aos meninos e educadores, principalmente, a parte dos recados. Aqui se reforça a idéia de que o telespectador é crucial para que as meninas atribuam sentido ao documentário.

### As trajetórias de vida das meninas

O segundo eixo de análise do documentário refere-se às trajetórias de vida das meninas em situação de rua. Cabe destacar que as meninas participantes do estudo estavam, na maioria das vezes, interessadas em contar as suas histórias, seus amores e desafetos, o que não era freqüente entre os meninos. De fato, não precisavam de muito incentivo para que falassem sobre suas vidas, como fica evidente no discurso de Índia (14 anos), que quando questionada sobre seu nome afirma:

*Meu nome é Índia, tenho 14 anos. Tô aqui falando pra vocês como é que eu saí de casa, porque eu saí de casa. Eu saí de casa porque*

*brigava muito com a minha tia, apesar que eu não tenho mãe nem pai, não conheço. Devo ter, mas não conheço não.*

Esse discurso segue contínuo, sem que tenhamos muito espaço para colocar perguntas. As perguntas parecem, muitas vezes, serem percebidas como interrupção de um discurso que já está pronto. Trata-se de algo tão pronto, que leva ao questionamento do incontável número de vezes que essas meninas são solicitadas a repetirem suas trajetórias. De acordo com Felon, Martins e Domingues (1992), as crianças em situação de rua reproduzem o discurso assistencialista que é feito sobre elas e nesse sentido os autores alertam que:

*“...um primeiro contato com as meninas de rua, é marcado, em geral, pelo relato fantasioso de dramas pessoais, de injustiças vividas, de misérias sentidas, de proezas experimentadas e de desejos incontidos de mudar de vida, que muitas vezes é inteiramente referido à medida que é possível criticar as informações iniciais recebidas”. (p. 79).*

Conforme referido anteriormente, a análise das trajetórias de vida das meninas será feita a partir da compreensão de suas relações com a família, a rua e as instituições. Em relação ao contexto familiar, pode-se afirmar que estes são retratados pelas participantes como sendo, em sua maioria, como maltratantes ou negligentes. Algumas falas das crianças ilustram a imagem que elas possuem das suas famílias:

*Tenho (família), mas é a mesma coisa que não ter. Minha mãe tem quatro filhos, não gosta de nenhum. A única que correu atrás dela fui eu, porque meus irmãos não querem ver ela nem pintada de ouro. (Rebeca, 16 anos)*

*Minha família é um pouco chata, é um pouco fora do comum. O que mais que eu posso dizer? Apronta. Parte dela usa drogas, parte dela mata, parte dela rouba. (Kátia, 13 anos)*

Há, também, casos de meninas que falam positivamente acerca das suas famílias. No entanto, apenas uma afirma que a sua saída de casa não está relacionada com um desentendimento familiar. A maioria das meninas vivia em famílias monoparentais, chefiadas por mulheres, havendo, também, famílias formadas pela mãe, irmãos e padrasto.

As crianças identificam, em alguns momentos, que as suas próprias trajetórias de vida ou ao menos o comportamento dos seus progenitores podem ser explicados pelas

trajetórias de vida dos mesmos. Ou seja, as crianças percebem a repetição e a reprodução da violência, da miséria, da falta de afeto. Como afirma Rebeca (16 anos):

*Minha avó largou ela (a mãe) com dois meses de nascida na mão de outra mulher, entendeu? Minha mãe também é revoltada com a vida. Então através de minha mãe que eu comecei a usar drogas, entendeu? Porque eu via minha mãe cheirando cola.*

Percebe-se que o sentimento da menina em relação à mãe é ambivalente. Por um lado, sofre e se ressentido pelas inúmeras violências a que é submetida pela mãe, mas por outro lado, tenta preservar um sentimento se não de amor, pelo menos de compaixão para com a progenitora. Rebeca já possui uma filha e também já está separada da criança, demonstrando que a repetição já se efetivou em certa medida. Essa reprodução das condições de vida das mães foi referida ainda por duas outras meninas, cujas mães viveram e/ou vivem na rua e que são apontadas como, de certa forma, culpadas pela permanência atual das meninas nessa situação de institucionalização e/ou rua.

Nas fichas individuais das meninas na instituição foi possível verificar informações semelhantes que relacionam o contexto familiar a uma das principais causas para a saída das crianças para o contexto da rua. Estes dados são corroborados por todas as pesquisas com crianças em situação de rua, sendo necessário destacar, no entanto, que esta não é uma explicação suficiente para o complexo fenômeno da presença de crianças nas ruas.

O segundo ponto a ser analisado refere-se às experiências vivenciadas pelas crianças no contexto da rua, sendo este o tópico mais abordado pelas meninas durante o documentário, demonstrando que este é, de fato, o contexto que neste momento de suas vidas se sobressai. Após referirem que a saída para rua está, na maioria dos casos, relacionada com a família, as meninas passam a abordar as características da vida na rua, sendo que a primeira questão referente a este tópico são as situações constrangedoras vivenciadas no contexto da rua. Muitas das respostas das meninas sobre situações que as constroem e envergonham são frequentemente descritas na literatura como ações e atividades corriqueiras. Isto pode ser verificado na seguinte fala:

*Passar fome. Chegar assim, ter que pedir. Às vezes a pessoa fazer ignorância com você. Eu ficar ali toda acanhada, na rua mesmo. Ficar num canto, dormindo na rua, com vergonha. Todo mundo passando, me olhando, dando dinheiro. Cheguei até a pedir esmola. (Rebeca, 16 anos).*

O esmolar tem sido descrito na literatura como uma atividade rotineira das crianças em situação de rua (ROSEMBERG, 1990), mas dificilmente se considera que a atividade seja uma estratégia de sobrevivência que é utilizada com certo constrangimento ou vergonha pela criança. Em muitos momentos, as crianças discutiram sobre o esmolar, sendo que alguns defendiam como sendo algo legítimo, mas outros afirmavam ser vergonhoso.

Quando falam sobre a rua, as meninas inevitavelmente falam do uso/abuso de substâncias psicoativas. Todas as meninas participantes desse estudo afirmaram já terem feito uso de alguma substância, principalmente a cola e o cigarro, sendo que a idade de início do consumo é aproximadamente os dez anos. De fato, as meninas parecem conhecer um grande número de substâncias, tendo experimentado várias delas.

*Minha droga é maconha, pó e pedra! Cola, maconha, cocaína, tudo. Tudo que você imaginar na sua cabeça, eu uso. (Marina, 15 anos).*

*Maconha. Já experimentei de todas, mas a única mesmo, que eu sou viciada mesmo é na maconha. Na maconha e no pó. Já usei o pio, já usei a jade, já usei a cocaína, a pedra. Já cheirei cola. Todos os tipos dela. (Rebeca, 16 anos).*

O uso das substâncias psicoativas se constitui em um dos grandes problemas da permanência da criança na rua. Nesse contexto, as crianças se expõem a uma grande variedade de drogas, sendo o acesso relativamente fácil. Trata-se de um ciclo vicioso, pois as crianças, em muitos casos, começam a roubar e a furtar para conseguirem as drogas. E cada vez mais se tornam viciadas nessas substâncias, o que exige um maior número de comportamentos delinquentes para obter os meios necessários para adquirir a droga.

As substâncias psicoativas foram citadas pelas crianças como sendo o motivo principal para as evasões da instituição. Provavelmente, as crianças fogem para utilizar as drogas em companhia dos amigos que estão na rua, com o intuito de aproveitar todo o efeito que a substância irá propiciar. Afinal, além do vício físico, há o contexto de uso que também é viciante. As crianças precisam e querem, muitas vezes, a aventura de buscar e usar as drogas com os companheiros de rua.

Referindo-se ao uso de drogas entre as meninas de rua, Fenelon, Martins e Domingues (1992) fazem algumas considerações, demonstrando que a sua utilização não se deve exclusivamente a um vício orgânico, mas desempenha um importante papel social. Segundo os autores:



As meninas de rua têm por hábito ou vício o consumo de drogas, como a maconha, a cola, o esmalte, o xarope. E o fazem em grupo, partilhando cada saquinho de cola, cada gota de Eritós. Se assim fazem, também não procuram de modo algum esconder dos que passam o uso das drogas. Dito de outro modo, além de responder a necessidade de ordem psíquica e orgânica, a teatralização dos efeitos da droga cumpre ainda a função social de enfatizar a liminaridade. É comum ouvir meninos e meninas referirem-se ao efeito alucinógeno ou estimulante da droga que vão consumir. Também é comum o fato de dizerem que vão fazer uso da droga para melhor agir. (p. 76)

O uso das drogas vem associado ao desempenho de comportamentos delinqüentes, como furtos e roubos (DROZ, 2006; DUYAN, 2005; MARCHI, 1994; NEIVA-SILVA, 2003; ROSEMBERG, 1990; entre outros), sendo este o tópico seguinte abordado na entrevista. Em relação a essa questão as respostas divergem, sendo que algumas crianças admitem que já furtaram ou roubaram na rua, mas outras negam veementemente. Os furtos e roubos são justificados pela necessidade de usar drogas, para suprir a fome, ou mesmo pelo prazer de possuir determinados produtos que não estão acessíveis a essas crianças.

*Rapaz, eu nunca roubei não. Mas se fosse uma precisão, eu chegaria a roubar. Já cheguei a furtar as coisas dos outros, por debaixo do nariz assim. (Rebeca, 16 anos).*

*Já roubei muito. Teve uma vez que eu roubei o celular da menina que diz que é minha irmã. Roubei o celular dela de câmera. (Índia, 14 anos).*

*Rapaz, eu meto um bocado de parada na farmácia. Eu chego assim e tcha, tcha (simula como se estivesse jogando produtos da farmácia dentro da roupa). E me saio na boa, com o negócio inchadão. (Marina, 15 anos).*

A questão seguinte da entrevista refere-se à prisão e à violência policial. Quatro das meninas que participaram do documentário já haviam sido presas pelo menos uma vez, mas somente duas referem terem sofrido algum tipo de violência policial. No entanto, ao longo dos nossos contatos com as crianças, outras meninas referiram a agressão policial como sendo algo constante nas ruas da cidade. A violência pode, em muitos casos, não ser física, mas se trata de coerção, ameaças, humilhações. Autores como Carvalho (1991), Dimenstein (1990, 1992), Marchi (1994) e Neiva-Silva (2003) fazem referências e importantes denúncias

acerca do extermínio de crianças em situação de rua e sobre a violência policial enfrentada pelas crianças.

Outro tema abordado na entrevista se refere à sexualidade das crianças. A esse respeito é perguntado se as meninas são virgens, caso não sejam, como foi a primeira experiência sexual, se gostam de transar, se usam camisinha, se já abortaram, se já foram estupradas e se já se prostituíram. Nenhuma das crianças entrevistadas era virgem, tendo iniciado a vida sexual por volta dos treze anos de idade. Quando relatam sua primeira experiência sexual, as meninas falam de uma forma prazerosa, indicando que tem boas recordações desse momento. Na fala das entrevistadas elas demonstram um envolvimento afetivo com o primeiro parceiro e comportamentos de autocuidado em relação aos seus corpos.

Os dados encontrados nesse estudo, acerca da primeira relação sexual das meninas em situação de rua não corroboram com as afirmações feitas por Fenelon, Martins e Domingues (1992), pois de acordo com esses autores:

Ao que parece, as meninas identificam a saída para a rua com a perda da virgindade. Na sua forma característica de falar, elas comumente se referem ao defloramento como tendo sido um ato involuntário da sua parte, cabendo ao homem que a ‘tirou’ ou com quem ‘se perdeu’, toda a iniciativa, muitas vezes violenta. (p. 71).

As afirmações feitas pelas meninas acerca do início da sua vida sexual não significam que algumas delas não tenham sofrido violência sexual em algum momento das suas trajetórias. No entanto, esses eventos não são relacionados, segundo as crianças, com a saída para a rua. Quando questionadas se já haviam sido estupradas, apenas uma menina afirma que sofreu uma tentativa de estupro quando tinha dez anos. Na análise das fichas individuais, verificou-se que mais outra criança havia sofrido um abuso sexual e outra uma tentativa, demonstrando que este foi um tópico em que as meninas tiveram dificuldade em falar abertamente na entrevista do documentário.

Todas as crianças entrevistadas negam ter se prostituído em algum momento das suas vidas. Esse dado mais uma vez contraria as informações descritas por Fenelon, Martins e Domingues (1991), já que ao falarem dos usos que as meninas fazem dos seus corpos, esses autores afirmam: “No caso particular das meninas de rua, verifica-se que seu corpo, de modo muito freqüente, é um instrumento de trabalho. Ele é entregue a qualquer um, por uma noite em um motel, por comida, por algum dinheiro” (p. 71). Lucchini (1995) refere que

as meninas em situação de rua costumam ser associadas à prostituição, sendo esta uma generalização perniciosa na medida em que aumenta a estigmatização desse grupo, além de mantê-las afastadas dos estudos sobre crianças em situação de rua.

A rua é descrita pelas meninas como um local de liberdade, aventura e diversão, sendo que o discurso sobre o “eu não devo estar na rua” parecia um eco do discurso institucional e social acerca do viver em situação de rua. Não percebíamos, de uma forma geral, movimentos que indicassem uma tentativa de romper com a vida na rua. Muitas meninas falavam em abandonar as drogas, mas o sair das ruas não era de fato considerado. Todas as meninas participantes do estudo tiveram pelo menos um episódio de evasão da instituição, demonstrando que a relação com a rua estava bastante fortalecida. De fato, verifica-se que a saída e fuga da instituição está relacionada muito mais com a rua do que com o espaço em si. Ou seja, as crianças saem, muitas vezes, não por não gostarem de algo de dentro da instituição, mas por buscarem algo fora dela. Daí alguns coordenadores institucionais entrevistados em uma pesquisa anterior afirmarem que “é fácil tirar o menino da rua. O difícil é tirar a rua do menino”. (SANTANA, DONINELLI, FROSI & KOLLER, 2005).

Apesar das crianças não expressarem o seu desejo imediato de sair da rua, seus projetos futuros incluem trabalhar, constituir família e principalmente se ver livre das drogas. Tais resultados corroboram os achados de Neiva-Silva (2003), que verificou que, ao contrário do que se apontava na literatura, as crianças em situação de rua possuem expectativas de futuro que nem sempre são negativas. No entanto, sabe-se que a saída da rua está relacionada a diversos fatores além da expectativa das crianças, como, por exemplo, existência de rede de apoio, alteração das condições iniciais que desencadearam a ida para rua, entre outros. (LUCCHINI, 2003).

O último contexto de desenvolvimento a ser analisado é a instituição, sendo que neste artigo não serão abordadas as particularidades institucionais analisadas, mas as representações das meninas em relação a este espaço. As meninas participantes desse estudo demonstram, em sua totalidade, uma visão positiva da instituição. Afirmam que às vezes brigam com outras colegas, “se estressam” com os educadores, mas que adoram estar ali. Quando perguntadas se desejam sair da instituição afirmam:

*Não. Só que vai ter que chegar esse dia. Porque aqui é uma casa de passagem, entendeu? É chato ter que sair daqui, mas por enquanto eu tô resolvendo algumas questões. Tô atrasada dois anos na escola.*

*Por enquanto eu quero resolver aqui para eu entrar na escola o mais rápido possível. (Eliana, 14 anos).*

*Não penso em ir embora daqui. Não penso. Sabe por que eu não penso? Porque se eu for embora, do mesmo jeito eu vou estar na rua, porque não vai adiantar eles me levar. Chegar lá, ela (a tia) vai me botar pra fora e eu vou ter que ficar na rua do mesmo jeito. (Índia, 14 anos).*

*Eu amo esse lugar. Nunca vou sair daqui. (Marina, 15 anos).*

A resposta de Eliana (14 anos) chama atenção para uma contradição clara entre o que ela deseja, que é ficar na instituição, e o discurso que ela tenta reproduzir muitas vezes, como se ao repetir acabasse por acreditar nele. Eliana em sua fala demonstra que conhece os objetivos institucionais e que sabe que a sua permanência na instituição depende do seu engajamento nesse objetivo. É por isso que ela afirma que quer ficar na instituição para voltar para escola, mesmo sabendo que nessa instituição não há um convênio com uma escola, sendo que o caminho mais fácil para “recuperar” os dois anos de atraso seria voltando para casa, mas isto não é cogitado.

Quando se analisa a resposta de Índia, verifica-se que, para a menina, assim como para muitas das crianças em situação de rua, suas opções de vida são limitadas. As crianças entram em uma instituição, cujo objetivo é reinserí-las socialmente, mas cujas famílias já não podem (ou não querem) mais recebê-las em casa. Por outro lado, as condições das instituições de acolhimento de longa duração não são satisfatórias e ainda possuímos, no Brasil, poucas políticas alternativas para a inserção de crianças, como famílias substitutas ou mecanismos céleres e eficazes que facilitem e promovam a adoção tardia.

Já a resposta de Marina reflete o desejo da criança em permanecer na instituição, mas essa sendo entendida enquanto rua. Ou seja, Marina não pretende ficar institucionalizada se isso implicar que não possa mais ir pra rua. Tais falas são preocupantes na medida em que a instituição analisada prevê uma permanência temporária. Trata-se de um desafio crucial para a instituição: proteger as crianças do risco de estar na rua e simultaneamente conseguir construir conjuntamente com as meninas possibilidades reais de alterar suas trajetórias fora do contexto institucional.

Outro aspecto a ser salientado em relação à instituição é a relação que as meninas estabelecem com os técnicos e funcionários. Muitas das crianças referiram brigas freqüentes

com os educadores, mas também foi freqüente falarem com carinho acerca dos mesmos. Ao longo da investigação, verificamos que apesar desses desentendimentos e brigas com os adultos que trabalham na instituição, as crianças vêm neles uma base de apoio importante, afinal é a eles que essas crianças buscam, muitas vezes, quando se encontram em situação de perigo eminente (SANTANA & DONINELLI, 2010). Daí ser constante vermos as crianças que já se desligaram da instituição, falando com os educadores através das janelas, nos momentos em que esses estão saindo ou entrando para o plantão. Ao mesmo tempo, é possível perceber que esses funcionários possuem uma ligação afetiva e política com essas crianças, sendo a militância em prol dos direitos dessas crianças uma constante entre aqueles que escolhem trabalhar nessa área.

### **Considerações Finais**

A realização do documentário pelas meninas em situação de rua acerca das suas trajetórias de vidas demonstra a potencialidade das metodologias participativas, enquanto estratégia de investigação e de intervenção. As participantes demonstraram competência e criticidade ao falarem tão abertamente sobre suas trajetórias de vida, construindo um importante canal de comunicação entre adultos e crianças. Fica evidente que as produções culturais das crianças devem ser consideradas como elemento central na compreensão das suas vivências e modos de vida. Ao produzirem o documentário, as meninas falaram para si mesmas, para os pares e para os adultos. O silêncio ou a superficialidade presente nas respostas aos questionários e entrevistas padronizados foram substituídos pela riqueza e colorido das expressões, emoções e significados registrados em cada minuto desta produção.

Obviamente, a potencialidade das metodologias participativas não é considerada de forma acrítica, pois da sua aplicação emergem uma série de tensões e contradições, que impõem ao pesquisador uma maior reflexividade, tanto teórica, como ética e metodológica. A participação das crianças ainda é um tópico que merece debate antes da sua plena efetivação. Isso não significa que as crianças não são atores sociais competentes, mas implica considerá-las sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento, que participam dentro das suas competências e habilidades. O adulto é mediador deste processo, o que não significa falar pelas crianças, mas propiciar ferramentas para que suas vozes sejam ouvidas.

Por fim, cabe destacar que a multiplicidade de trajetórias de vida é a principal referência que se pode ter quando se fala das crianças e, particularmente, das meninas em situação de rua. As tentativas de enquadrá-las dentro de um modelo ou tipologia parecem perder de vista que antes de serem crianças em situação de rua, são crianças com histórias singulares, que vivem em comum o constrangimento da situação de rua, mas que este possui um impacto e um significado diferenciado em suas trajetórias. Tal heterogeneidade não pode ser desconsiderada nas propostas de políticas públicas e intervenções sociais e educativas com essas crianças.

### Referências

ALDERSON, P. Children as researchers: the effects of participation rights on research methodology. In: James, A. & Christensen, P. **Research with children: perspectives and practices**. London: Falmer Press, 2000. p. 241-257.

APTEKAR, L. Crianças de rua nos países em desenvolvimento: Uma revisão de suas condições. **Psicologia: Reflexão e crítica**, 1996, p. 153 – 184.

BOYDEN, J., & ENNEW, J. **Children in focus: a manual of participatory research with children**. Stockom: Radda Barnem, 1997.

CARVALHO, A. **Tô vivo: histórias dos meninos de rua**. Goiânia: Cegraf/UFG, 1991.

DIMENSTEIN, G. **Meninas da noite: A prostituição de meninas-escravas no Brasil**, Editora Ática, São Paulo, 1992.

DIMENSTEIN, G. **A Guerra dos Meninos: Assassinato de menores no Brasil**. Brasiliense, São Paulo, 1990.

DROZ, Y. Street Children And The Work Ethic: New policy for an old moral, Nairobo (Kenya). **Childhood**, 8, vol. 13, 2006, p. 349-363.

DUYAN, V. Relationships between the Sociodemographic and Family Characteristics Street Life Experiences and the Hopelessness of Street Children. **Childhoods**, 11, v. 12, 2005, p. 445-459.

FENELON, G.M, MARTINS, L.C. & DOMINGUES, M.H.M.S. **Meninas de rua: Uma vida em movimento**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.

FERNANDES, N. **Infância, Direitos e Participação**. Porto: Edições Afrontamento. 2009.

HETCH, T. **At home in the street: Street children of northeast Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

JAMES, A., JENKS, C. & PROUT, A. **Theorizing childhood**. Cambridge: Polity Press, 1998.

LALOR, K. J. Street children: A comparative perspective. **Child Abuse & Neglect**, v. 23, 8, 1999, p. 759-770.

LANDSDOWN, G. **Promoting childrens’ participation in democratic decision making**. Florence: Innocenti Research Centre, 2001.

LUCCHINI, R. Femme et déviance ou Le débat sur la spécificité de la délinquance féminine. **Revue Européenne des Sciences Sociales**, 33, 1995, p. 127-168.

MACIEL, C., BRITO, S. & CAMINO, L. Caracterização dos meninos em situação de rua de João Pessoa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 10, 1997, p. 315-334.

MARCHI, R. C. **“Crianças espertas”: um retrato do “vício da rua” em crianças pobres no Centro de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

NEIVA-SILVA, L. **Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua: um estudo autofotográfico**. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

RIZZINI, I. **Deserdados da sociedade: Os “meninos de rua” da América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Santa Úrsula/CESPI/USU, 1995.

ROSEMBERG, F. A concepção de família subjacente a programas para crianças e adolescentes em situação de rua. In: E. A. Carlini (Org.), **Abuso de drogas entre meninos e meninas de rua do Brasil**. UNFDAC – CEBRID, Editora Ave Maria, São Paulo, 1990.

SANTANA, J. P., DONINELLI, T. M. Trajetória de Vinculação Institucional de crianças e adolescentes em situação de rua. In: Morais, N. A., Neiva-Silva, L., & Koller, S. H. (Orgs.), **Endereço Desconhecido: crianças e adolescentes em situação de rua**. Itatiba: Casa do Psicólogo, 2010.

SANTANA, J. P., DONINELLI, T. M., FROSI, R. V., & KOLLER, S. H. É fácil tirar a criança da rua, o difícil é tirar a rua da criança. **Psicologia em Estudo**, v.10, 2005, p. 165-174.

TOMÁS, C. A. **Há muitos mundos no mundo... Direitos das crianças, cosmopolitismo infantil e movimentos sociais – diálogos entre crianças de Portugal e Brasil**. Tese de doutoramento não publicada, na área da Sociologia da Infância. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. Braga, Portugal, 2006.

THOMAS, N., & O’ KANE, C. The ethics of participatory research with children, **Children & Society**, v.12, 1998, p. 336-348.

**RECEBIDO EM 15 DE FEVEREIRO DE 2011.**

**APROVADO EM 20 DE MARÇO DE 2011.**